

CARAÇA E A CULTURA

CARLOS ABOIM INGLÊS

Preito de saudade profundamente sentida pelo Homem bom e o Amigo inesquecível — é sem dúvida a Homenagem nacional que admiradores e discípulos do Professor Caraça em boa hora tiveram a iniciativa de sugerir; a qual veio muito naturalmente a pôr-se em andamento, com centenas, já milhares de adesões, e está justamente a adquirir uma amplitude significativa por todo o país.

Permitam-me, pois, que nesta sessão solemne em que me foi dada a honra de intervir, a primeira palavra seja de viva recordação pelo Homem que pude conhecer ainda criança, amigo que era de meus pais, e que acompanhou os meus primeiros passos cívicos, aí pelos anos de 1946 a 1948, como os de tantos outros jovens do MUD Juvenil, para quem Caraça foi patrono, amigo e companheiro de luta, respeitado e muito querido como se fora um nosso irmão mais velho.

Ainda há poucos dias, resumindo lapidarmente um seu depoimento de recordações pessoais, escreveu Luís Ernani Dias Amado que «Bento de Jesus Caraça era acima de tudo HUMANO». Homem «simples, natural e humano como o povo», assim o evoca Álvaro Cunhal — e assim todos os que o puderam conhecer o recordam antes de tudo o mais. É certamente por isso que também nós todos comungamos, com Fernando Lopes Graça, em tê-lo como «uma das recordações mais luminosas» da nossa vida — luz que ainda hoje nos aquece de amizade o coração. De facto, só um Homem assim poderia ser o grande humanista que Bento de Jesus Caraça foi, da estirpe dos maiores do nosso tempo.

Mas a homenagem nacional a Bento de Jesus Caraça não é, não pode e não deve ser apenas preito de saudade, ou mesmo pagamento duma dívida de gratidão para com o Companheiro que tanto nos deu, e que todo se deu à luta contra o fascismo,

o obscurantismo, a miséria material e moral, a exploração do homem pelo homem, à luta pela liberdade, o pleno desenvolvimento das capacidades criadoras dos homens.

Firmemente creio que a maior, direi mesmo a única homenagem que Bento de Jesus Caraça merece e exige, é a de tomarmos hoje, trinta anos volvidos sobre a sua morte prematura, e numa escala antes impossível, o exemplo e os ensinamentos da sua vida e da sua obra como instrumentos válidos para a construção daquele futuro emancipado e livre com que ele sonhava e por que ele lutou, e que é tarefa nossa actual erguer nesta nossa terra pátria, e no mundo.

A vida e obra de Bento de Jesus Caraça foram semente e suor precursor do novo Portugal democrático que o 25 de Abril iniciou. Fazem parte integrante do que há de mais precioso no património cultural e humano do nosso Povo, aquilo que da sua história passada se mantém vivo e voltado ao futuro.

É com esse património cultural e as riquezas naturais da nossa terra, que às energias criadoras do Portugal que trabalha poderão vencer atrasos seculares, derubar obstáculos presentes, e promover com firmeza e confiança o progresso material e cultural do povo e do país.



Bento de Jesus Caraça nasceu no Alentejo, filho de trabalhadores rurais, e veio a ser um dos mais eminentes intelectuais do nosso país. Nestes dois parâmetros indissociados se assinala algo que considero ser um dos aspectos mais notáveis da vida e obra de Bento de Jesus Caraça.

Filho do povo trabalhador, foi um dos poucos que, saído «do fundo das massas»,

como ele usava dizer, se elevou a uma alta situação social e pôde usufruir, com largueza e profundidade, da riqueza cultural da humanidade. Porém, ele foi, dentre esses poucos, um dos que mais exemplarmente «se conservaram fiéis à sua própria classe e aos seus ideais de emancipação humana e não desertaram ingressando no campo contrário» (1). Caraça nutria um profundo desprezo, tanto mais profundo quanto era o de um homem profundamente humano e compreensivo, por aqueles que, saídos do povo, se não «conservaram fiéis à sua origem» e «se bandearam, por acção dos vários meios de que o aparelho dispõe, com os interesses dos que mandam» (2). Na sua vida, Caraça foi sempre fiel à sua origem, esteve sempre ao serviço do povo e nunca dos opressores e exploradores das massas trabalhadoras.

Este traço essencial da personalidade e estatura moral e intelectual de Bento de Jesus Caraça é, creio, determinante não só do tipo novo de intelectual que ele foi — vendo, com paixão e rigor, a sua missão e realização como intelectual em fusão com os interesses e aspirações, acção e missão histórica das massas trabalhadoras —, mas igualmente, e por isso mesmo, determinante também de vectores capitais de algumas das suas mais relevantes concepções e actividades, e nomeadamente aquelas que se referem à cultura.

Com efeito, a concepção de cultura que elaborou (não só na sua célebre conferência «A Cultura Integral do Indivíduo — Problema Central no Nosso Tempo», mas um pouco por toda a parte nas suas obras), e que praticou em actividades

(1) Conferência «As Universidades Populares e a Cultura», in Conferências e Outros Escritos, Lisboa 1970, p. 7.

(2) Conferência sobre a «Escola Única», ibid., p. 129.

centrais da sua vida (como sejam a Universidade Popular e a Biblioteca Cosmos), trazia essa marca de raiz da terra fecunda donde brotara e dava os frutos próprios dos novos tempos que anunciava.

A sua concepção de cultura é alheia a todo o elitismo e é radicalmente democrática. Caraça bateu-se constante e apaixonadamente contra o «monopólio da cultura», que via como uma outra face, profundamente injusta e anti-humana, do monopólio da riqueza e do poder por grupos com estreitos interesses de classe que, nos nossos tempos, identificou sem rodeios com a burguesia. Para Caraça, a via decisiva para a libertação, que o mesmo era para a cultura, era a de «ir ao encontro de todas as aspirações culturais das massas trabalhadoras, tentando sempre satisfazê-las» (3). Por aí se elevaria a sua capacidade de actuação consciente e autónoma (cultura como *meio*), para atingir o «máximo desenvolvimento das capacidades intelectuais, artísticas e materiais encerradas no homem», que Caraça, com Marx, considerava ser a *finalidade* última da cultura. Na bela definição que nos deixou, Caraça diz-nos: «A aquisição da cultura significa uma elevação constante, servida por um florescimento do que há de melhor no homem e por um desenvolvimento sempre crescente de todas as suas qualidades potenciais, consideradas do quádruplo ponto de vista físico, intelectual, moral e artístico, significa, numa palavra, a *conquista da liberdade*.» (4).

Para Caraça, a cultura «não é inacessível à massa; o ser humano é indefinidamente aperfeiçoável» (5). Esta convicção inabalável, que repetiu constantemente (e que estará talvez no âmago do «segredo» dos seus ímpares dotes pedagógicos), determinou uma concepção de cultura profundamente não-elitista, e mesmo antielitista, e por isso plenamente libertadora.

Certo, Caraça reconheceu e venerou as grandes «águias» da Humanidade, Galois e Galileu, Romain Rolland e Beethoven, tantos outros génios que ele soube magistralmente tornar acessíveis à nossa admiração, como exemplos expressivos da grandeza humana, e cujo valor individual filiava na capacidade de apreenderem e traduzirem, pela fusão do individual com o colectivo, as mais largas aspirações e interesses das classes historicamente progressivas. Certo, Caraça exige e incita ao rigor do pensamento e ao aprofundamento científico de todas as questões, reconhece a ne-

cessidade dos grandes especialistas do conhecimento. Mas não coloca nunca essas «elites parciais» fora e acima da massa dos homens, cuja dignidade individual intrínseca sublinhou.

É ele quem afirma perentório: «O que não deve nem pode ser monopólio de uma elite, é a cultura; essa tem de reivindicar-se para a colectividade inteira, porque só com ela pode a humanidade tomar consciência de si própria, ditando a todo o momento a tonalidade geral da orientação às elites parciais.» (6)

Como intelectual, como promotor da cultura popular, como professor — Bento de Jesus Caraça foi tudo o que há de mais avesso àquela concepção e prática duma pedagogia elitista que divide o mundo dos homens em duas classes: os «homens de cultura», também conhecidos por «homens de espírito», que detêm os tesouros do saber e por vezes os transmitem em doses adequadas aos outros, fora do círculo dos seus pares, — e esses «outros», ignorantes e incultos, senão «pobres de espírito», que hão-de cultivar-se mercê das dádivas benévolas que aqueles «pedagogos» lhes concedam... A modéstia autêntica do grande humanista que foi Caraça, fruto do seu respeito real, não fingindo, pelos homens; e tanto o instinto de classe que lhe vinha das raízes, não extirpadas, como a clara consciência alcançada da natureza do privilégio cultural, nas sociedades de classes — fizeram com que Caraça não só fosse um pedagogo infinitamente (qualitativamente) superior a outros que a si mesmo se apresentavam como «mestres de pedagogia», mas ainda que escrevesse páginas de pertinente análise, bem actuais, sobre a natureza dos intelectuais, das suas relações com as classes e com o poder. (7)

Anotemos ainda um traço, de não menor importância e significado, do modo como Bento Caraça via o problema do desenvolvimento da cultura, problema que foi talvez o centro das suas preocupações intelectuais. Disse lucidamente Caraça: «Condição indispensável para que o homem possa trilhar a senda da cultura — que ele seja economicamente independente. Consequência — o problema económico é, de todos os problemas sociais, aquele que tem de ser resolvido em primeiro lugar. Tudo aquilo que for empreendido sem a resolução prévia, radical e séria, desse problema, não passará, ou duma tentativa ingénua, com vaga tinta filantrópica, destinada a perder-se na impotência, ou de uma mão-cheia de pó, atirada aos olhos dos incáutos.» (8)

É esta uma passagem capital, que a um tempo o coloca numa *perspectiva materialista básica* e explica o empenho de Caraça na *actividade política directa*. Bento de Jesus Caraça não foi um ingénua filantropo nem pretendeu enganar incáutos. «Resolução radical e séria do problema económico», como condição indispensável para a cultura, a libertação do homem — isso, é ter a revolução socialista como meta, e essa era a consciência e o ideal político de Caraça, pelo qual ele também devotamente lutou até ao fim da sua vida.



Creio que foi esta profunda paixão de Bento de Jesus Caraça pela cultura, pela cultura para todos os homens, pela cultura entendida como libertação crescente do homem, dos homens; aliada ao entranhado amor e respeito pelo povo; aliada à lucidez da sua consciência dos obstáculos económico-sociais que se opõem àquela libertação; aliada ao vivo sentimento de revolta pela injustiça mutilante da sociedade de classes em que vivemos — que levou Bento de Jesus Caraça a ser aquele corajoso, constante, incansável e indomável *combatente anti-fascista* que hoje também homenageamos, aquele *lutador por uma sociedade mais livre, mais justa e mais fraterna*, com o socialismo como meta, que hoje temos consagrada na Constituição da República Portuguesa e é tarefa nossa defender e construir.

Mau grado as vicissitudes por que passa a nossa Revolução; mau grado as forças do passado que de novo querem puxar a História para trás; se tivermos da vida, da marcha da Humanidade, a mesma visão a um tempo realista e larga de horizontes que foi a de Caraça; se nos animar a sua mesma confiança nos homens e nos ideais de emancipação humana; se soubermos actuar, com firmeza e maleabilidade, para o congregar de esforços colectivos, no mesmo espírito obreiro de unidade que foi o de Bento de Jesus Caraça — podemos e devemos hoje prosseguir a sua obra com a mesma tenacidade e certeza na vitória final que sempre o iluminou, mesmo nos mais negros momentos da história pátria e mundial.

Por isso, termino este trabalho com palavras de Bento Caraça, radicalmente anti-fatalistas e plenamente confiantes nos homens, fazedores da História: «O que o mundo for amanhã, é o esforço de todos nós que o determinará».

(3) «As Universidades Populares e a Cultura», *ibid.*, p. 10

(4) Conferência «A Cultura Integral do Indivíduo — Problema Central no Nosso Tempo» *ibid.*, p. 51.

(5) «As Universidades Populares...», *ibid.*, p. 10.

(6) «A Cultura Integral do Indivíduo...», *ibid.*, p. 53.

(7) Vejam-se, nomeadamente, *ibid.*, pp. 6-7, 48-50, 109.

(8) «A Cultura Integral do Indivíduo...», *ibid.*, p. 51.